

INTRODUÇÃO

A ÁRVORE DO CONHECIMENTO

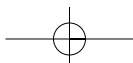
Aspectos da interface entre a Ciência e a Religião
no pensamento ocidental
da Cristianização ao século XIX

1

Semeiança del Mundo

A procura do desenho da configuração global do planeta
como motor para a expansão do conhecimento

«Aqui começa o livro que compôs Santo Isidoro e que se chama Mapa Mundi»: é com estas palavras que abre o tratado *Semeiança del mundo*, uma combinação da *Etimologia* de Santo Isidoro de Sevilha (636) com o *Imago Mundi* de Honorius Inclusus (supõe-se que um monge beneditino que viveu em Inglaterra cerca de 1100). Provavelmente, as duas obras foram compactadas numa só porque ambas tiveram, a partir das respectivas datas de publicação, um impacto enorme na concepção medieval do planeta, herdada dos Romanos, que por seu turno a tinham herdado dos Gregos, expandida até ao tempo de Ptolomeu de Alexandria, e depois cristalizada até ao início das Cruzadas; e, no entretanto, tornada matéria religiosa pelos Padres da Igreja Agostinho, Jerónimo e Ambrósio, que se preocuparam com a descrição de um mapa conforme com o Génesis e com a colocação de um Paraíso na Terra. Como muitos outros, este tratado específico foi-nos legado no século XIII pela corte de Afonso, o Sábio, em Castela, como parte do esforço colossal feito na altura para verter tanto os clássicos



E DEUS VIU QUE ISSO ERA BOM

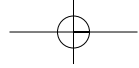
No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era informe e vazia. As trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. Deus disse: «Faça-se a luz!» E a luz foi feita. Deus separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz e às trevas, noite. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento. Deus chamou céus ao firmamento. Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.» Deus à parte sólida chamou terra, e mar ao conjunto das águas. Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo a sua espécie.» E assim aconteceu. Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento. Deus criou, segundo a sua espécie, os monstros marinhos que se movem nas águas, e todas as aves aladas [...] Deus fez todos os animais ferozes, segundo a sua espécie; os animais domésticos, segundo a sua espécie; e todos os répteis da terra, segundo a sua espécie [...] Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.

Gênesis 1,1-31

como os autores modernos e contemporâneos para o vernáculo castelhano.

A semelhança do mundo: esta é, sem dúvida, uma das grandes demandas da aventura humana. Literal ou metaforicamente conforme o sentimento do leitor, no início da sua história o homem que come o fruto da Árvore da Sabedoria é expulso do Jardim do Paraíso. Depois da queda, encontra-se, sozinho e atordoado, a braços com um planeta que não conhece nem entende, inserido num Universo onde os mistérios são tantos quantos os números de luzes celestes. Tudo está por apreender, por decifrar, por descobrir, por inventar: quanto mais recuamos no tempo, mais inúmeras são as possibilidades hermenêuticas.

Neste livro, retraçaremos, a título de exemplo, o caminho do conhecimento relativo à semelhança do mundo primeiro durante a Baixa e Alta Idade Média (e nos vestígios mais flagrantes de pensamento medieval que persistem na literatura popular durante o período renascentista); depois nos dias utópicos da Revolução Científica e do Iluminismo; e, finalmente, na tensão crescente do século XIX, quando o



UM JARDIM NO ORIENTE

Depois o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que havia formado. O Senhor Deus fez desabrochar da terra toda a espécie de árvores belas à vista e de saborosos frutos para comer, a árvore da vida, ao meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. Um rio nascia no Éden e ia regar o jardim, dividindo-se, a seguir, em quatro braços. O nome do primeiro é Pison, rio que rodeia toda a região de Evilat, onde se encontra oiro, oiro puro, sem misturas; e também se encontra lá bdélio e ónix. O nome do segundo rio é Gheon, o qual rodeia a terra de Cus. O nome do terceiro rio é Tigre, e corre ao oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.

Génesis, 2,8-14

trabalho pioneiro dos geólogos nos entrega um mundo semelhante ao que habitamos hoje, para o melhor e para o pior.

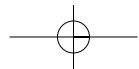
A par e passo com o planeta desconhecido, o homem expulso do Paraíso depara-se também com uma outra mudança de paradigma igualmente radical e dolorosa: depois de ter provado o fruto proibido, torna-se mortal e descobre a doença.

2

«Levanta-te e caminha»

Religião e inquérito científico face à saúde e à doença

Afastado dos frutos da Árvore da Vida e com o caminho de regresso guardado por dois querubins armados de espadas flamejantes, que pode o homem fazer? Que deve o homem fazer? Lidar com a doença e o sofrimento é um problema que se encontra na primeira linha da vivência tanto material como espiritual. Levanta um largo conjunto de questões que se encontram presentes em todas as sociedades humanas e às quais o Cristianismo não será alheio: Porque adoço? Qual a relação entre a doença e o pecado? Qual o papel da Luz e das Trevas? Que devo esperar da misericórdia divina? A que me é lícito recorrer na busca da cura? Como sarar o meu corpo e salvar a minha alma? Começaremos por traçar um panorama da forma como o Cristianismo e a medicina interagiram durante a Antiguidade e a Idade Média, vendo como os Padres da Igreja procuraram responder a todas estas questões



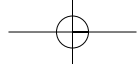
EM PÓ TE HÁS-DE TORNAR

[Deus] disse à mulher: «Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez, e os teus filhos hão-de nascer entre dores. Procurarás com paixão a quem serás sujeita, o teu marido.» A seguir, disse ao homem: «Porque ouviste as palavras da tua mulher e comeste o fruto da árvore a respeito da qual eu te havia ordenado: “Nunca deveis comer o fruto desta árvore!”; maldita seja a terra por tua causa! E dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, em todos os dias da tua vida [...] Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e em pó te hás-de tornar [...]» O Senhor Deus fez a Adão e à sua mulher umas túnicas de peles e vestiu-os. O Senhor Deus disse: «Aqui está o homem que, pelo conhecimento do bem e do mal, se tornou como um de nós. Agora é preciso que ele não estenda a mão para se apoderar também do fruto da árvore da vida, comendo do qual, viva eternamente.» O Senhor Deus expulsou-o do jardim do Éden [...] Depois de ter expulso o homem, colocou, a oriente do jardim do Éden, querubins armados de espada flamejante para guardar o caminho da árvore da vida.

Génesis 3,16-24.

e como o conhecimento, e mesmo a prestação de cuidados médicos, se tornaram um aspecto central na vida do Cristianismo organizado. Veremos como e porque o nascimento dos hospitais e do ensino médico universitário no Ocidente cristão se processa a partir das estruturas da Igreja.

Seguidamente faremos uma abordagem mais específica da relação entre o pensamento religioso e o desenvolvimento científico da medicina, avaliando em dois casos distintos o papel da Igreja na história das ciências da saúde em Portugal nos séculos XVI a XVIII. Primeiro, abordaremos as consequências da censura inquisitorial de livros científicos de química e de medicina em Portugal e seguidamente estudaremos o contributo dos missionários no conhecimento da matéria médica ultramarina e na sua introdução na medicina europeia. Da análise destes dois casos veremos como o papel da Igreja foi realmente mais rico e variado (tanto num sentido positivo como negativo) do que o retrato que ainda é maioritariamente traçado fora dos meios da moderna historiografia das ciências.



O FIM DE TODOS OS HOMENS

Então Deus disse a Noé: «O fim de todos os homens chegou diante Mim, pois encheram a terra de iniquidades. Vou exterminá-los, assim como à terra. Constrói uma arca de madeiras resinosas. Dividi-la-ás em compartimentos e calafetá-la-ás com betume por fora e por dentro [...] pois vou lançar um dilúvio que, tudo inundando, eliminará debaixo do céu todo o ser animado com sopro da vida. Tudo quanto existe na terra perecerá. Contigo, porém, farei a minha aliança: entrarás na arca com os teus filhos, a tua mulher e as mulheres dos teus filhos. De tudo o que tem vida, de todos os animais, levarás para a arca dois de cada espécie, para os conservares junto de ti: um macho e uma fêmea [...] Recolhe tudo quanto há de comestíveis, armazena-os, a fim de te servirem de alimento, assim como a eles.

Gênesis 6,13-21

3

Uma ponte sobre o fosso Argumentação e perspectiva do fio condutor

Ao longo de todo o percurso seguido neste estudo, será evidente o paralelismo estreito entre o desenvolvimento do pensamento religioso e o crescimento científico — as duas faces da mesma moeda que constituem a razão de ser do título do presente livro. Se esta associação surpreender alguns leitores, levem-se em consideração as reflexões que se seguem.

Do nosso ponto de vista, se há falácia de raciocínio desconcertante entre todas no instinto moderno, dir-se-ia que é a ideia de que «os religiosos» e «os cientistas» estiveram desde sempre em guerra aberta. Esta guerra substancialmente imaginária, efabulada de forma superficial a partir de um número restrito de temas-chave como o geocentrismo, a Inquisição, o horror de aceitar que o homem descende do macaco, ou a crispação recente no domínio da manipulação de gâmetas e embriões, é hoje vista em grande medida como um combate entre o bem e o mal, com a ciência do lado da luz que procura o progresso e a religião do lado das trevas que tentam impedi-lo. Mas, para este cenário fazer qualquer espécie de sentido, era preciso que o nosso mundo sempre tivesse funcionado dentro de balizas de pensamento que só começaram a implantar-se a partir da segunda metade do século XIX.

